

PERCEPÇÕES ESTUDANTIS ACERCA DA PARTICIPAÇÃO FEMININA EM PRÁTICAS ESPORTIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

STUDENT PERCEPTIONS ABOUT FEMALE PARTICIPATION IN SPORTS PRACTICES IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

PERCEPCIONES DE LOS ESTUDIANTES SOBRE LA PARTICIPACIÓN FEMININA EN LAS PRÁCTICAS DEPORTIVAS EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

Dirlene Almeida Ferreira

<https://orcid.org/0000-0002-6136-2676> 

<http://lattes.cnpq.br/3350414634827248> 

Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE – Brasil)

dirlenealmeida@gmail.com

Maria Eleni Henrique da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-3275-0343> 

<http://lattes.cnpq.br/2076267318309264> 

Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE – Brasil)

melenih@hotmail.com

Ítala Almeida Timóteo

<https://orcid.org/0000-0002-4155-1592> 

<http://lattes.cnpq.br/6495880144604236> 

Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE – Brasil)

italaa07@gmail.com

Resumo

Este estudo investigou a percepção de estudantes de uma escola pública do Ceará sobre a participação feminina nas aulas de Educação Física, com foco nas relações de gênero. A metodologia se pautou na abordagem qualitativa descritiva, com a aplicação de questionário *on-line* para estudantes do Ensino Médio como instrumento de pesquisa. Os resultados destacam desafios na garantia da equidade de gênero, evidenciando a hegemonia masculina e estereótipos de gênero arraigados. Como possibilidades, foram destacadas intervenções como torneios mistos, os quais se mostraram promissores para promover a inclusão das meninas. Conclui-se que a promoção da participação feminina nas atividades esportivas requer estratégias contínuas de desconstrução de estereótipos de gênero e empoderamento das mulheres. Essas ações são fundamentais não apenas para a igualdade de oportunidades, mas também para o desenvolvimento integral dos estudantes e a construção de uma cultura escolar mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Gênero; Educação; Mulher; Escola; Equidade.

Abstract

This study investigated the perception of students from a public school in Ceará regarding female participation in Physical Education classes, focusing on gender relations. The methodology was based on a descriptive qualitative approach, with the application of an online questionnaire to high school students as a research instrument. The results highlight challenges in ensuring gender equity, revealing male hegemony and ingrained gender stereotypes. As potential solutions, interventions such as mixed tournaments proved to be promising in promoting the inclusion of girls. It is concluded that promoting female participation in sports activities requires continuous strategies for deconstructing gender stereotypes and empowering women. These actions are fundamental not only for equal



opportunities but also for the comprehensive development of students and the construction of a fairer and more inclusive school culture.

Keywords: Gender; Education; Women; School; Equity.

Resumen

Este estudio investigó la percepción de estudiantes de una escuela pública de Ceará sobre la participación femenina en las clases de Educación Física, con un enfoque en las relaciones de género. La metodología se basó en un enfoque cualitativo descriptivo, con la aplicación de un cuestionario en línea para estudiantes de secundaria como instrumento de investigación. Los resultados destacan desafíos en la garantía de la equidad de género, evidenciando la hegemonía masculina y los estereotipos de género arraigados. Como posibilidades, se destacaron intervenciones como los torneos mixtos los cuales demostraron ser prometedores para promover la inclusión de las niñas. Se concluye que la promoción de la participación femenina en las actividades deportivas requiere estrategias continuas de deconstrucción de estereotipos de género y empoderamiento de las mujeres. Estas acciones son fundamentales no solo para la igualdad de oportunidades, sino también para el desarrollo integral de los estudiantes y la construcción de una cultura escolar más justa e inclusiva.

Palabras clave: Género; Educación; Mujer; Escuela; Equidad.

INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero é uma questão profundamente enraizada na estrutura social, persistindo ao longo dos séculos. Infelizmente, ainda hoje há quem sustente a visão antiquada de que as mulheres são inferiores aos homens e devem se limitar ao papel de cuidar do lar e dos filhos. Em 2017, a Ipsos (acrônimo de *Institut Public de Sondage d'Opinion Secteur*, uma empresa multinacional de pesquisa e consultoria de mercado com sede em Paris, França) apresentou os dados da pesquisa Global @dvisor, realizada em 24 países. O estudo investigou as percepções sobre feminismo e igualdade de gênero. Os resultados revelaram que, em média, 18% das pessoas em todo o mundo ainda mantêm essa crença na inferioridade das mulheres. No Brasil, esse número chega a 16%, indicando uma realidade preocupante e próxima da média global.

Apesar dessas visões retrógradas, o movimento de emancipação feminina tem avançado, proporcionando não apenas acesso ao conhecimento, mas também oportunidades de independência econômica e social para as mulheres. Contudo, é importante destacar que esses avanços foram conquistados após décadas de luta e reivindicação por direitos iguais. A trajetória rumo à verdadeira equidade de gênero ainda é longa, exigindo esforços contínuos e engajamento social. O progresso alcançado até agora é testemunho da resiliência e da determinação das mulheres em todo o mundo na busca por justiça e igualdade.

No entanto, mesmo com os avanços, o pensamento machista, permeado por discursos discriminatórios, ainda está muito presente em nossa sociedade. Apesar dos esforços para eliminar essa fragmentação e permitir que as mulheres ocupem igualmente espaços diferentes em diversos âmbitos, ainda há um longo caminho a percorrer. A conscientização e





a mudança cultural são fundamentais para superar esses obstáculos e alcançar uma verdadeira equidade de gênero.

Atribui-se aos movimentos feministas os primeiros intentos de debater sobre os discursos que estruturam e hierarquizam as desigualdades entre mulheres e homens. Desse modo, tornaram-se fundamentais para a legitimação das discussões sobre a concepção de gênero como uma construção social (Goellner, 2010; Louro, 2014; Meyer, 2013; Scott, 1994), extrapolando a noção do determinismo biológico para justificar as disparidades entre os gêneros. O enfrentamento das mulheres por espaço e pela igualdade de gênero enfatiza o empoderamento feminino. Tais pressupostos são a base das proezas das mulheres no esporte, por exemplo. Esse espaço conquistado expressa o confronto diante de uma sociedade preconceituosa e reprodutora de machismo.

A busca pela igualdade de gênero representa um elemento essencial na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, transcendendo os limites do esporte, das realizações pessoais e profissionais. A crescente presença das mulheres em diversos contextos sociais não apenas amplia as oportunidades individuais, mas também enriquece os valores democráticos e promove uma maior diversidade de perspectivas na sociedade contemporânea. Entretanto, ao analisarmos a evolução do sistema educacional, é possível identificar inúmeras barreiras enfrentadas pelas mulheres ao longo da história. Desde o acesso restrito à educação formal até a segregação de gênero em ambientes escolares, a discriminação e a exclusão moldaram a trajetória educacional das mulheres. Essas estruturas históricas ainda reverberam em nossas instituições, muitas vezes de forma dissimulada, perpetuando desigualdades de gênero e limitando o pleno acesso das mulheres a espaços anteriormente reservados aos homens.

Diante desse cenário, torna-se essencial reconhecer e enfrentar essas barreiras para promover uma educação verdadeiramente inclusiva e igualitária, em que todas as pessoas, independentemente de seu gênero, possam desenvolver plenamente seu potencial e contribuir efetivamente para a sociedade. Nesse sentido, é crucial abordar as condutas preconceituosas e hostis que ainda persistem contra as mulheres, especialmente no ambiente escolar, refletindo as tensões nas relações de poder entre meninos e meninas, especialmente, nas aulas de Educação Física. Tais relações, muitas vezes, servem de justificativa para comportamentos considerados normativos, atribuindo à masculinidade características como virilidade, agressividade e habilidade física, enquanto à feminilidade são associadas características como delicadeza heteronormativa e preocupação excessiva com a aparência.





Comportamentos que divergem desses padrões são frequentemente questionados sob a ótica da sexualidade, reforçando arranjos de desigualdade entre os indivíduos (Louro, 2014; Goellner, 2010; Lins; Machado; Escoura, 2016).

As diferenças de habilidades entre meninos e meninas têm sido causa de conflitos e dificuldades durante as aulas. Sob a argumentação de que tais desigualdades são inatas e decorrentes de razões biológicas, as pesquisas de gênero ajudam a compreender que, na realidade, são históricas e socialmente construídas. Silva e Devidé (2009), inclusive, apontam que alunos adolescentes usam “menina” como um xingamento, sugerindo a falta de habilidade motora de outros colegas e reforçando a noção de superioridade masculina no que diz respeito ao desempenho físico.

Por outro lado, a mídia tem contribuído positivamente ao oferecer mais visibilidade e espaço para a participação feminina em eventos esportivos. Essa maior exposição tem reflexos positivos na escola, ajudando a desconstruir estereótipos e a promover uma visão mais igualitária das oportunidades de participação entre meninos e meninas.

As aulas de Educação Física, sistematicamente, devem ser encaradas como territórios em que os estereótipos estão, de certo modo, enraizados e constantemente sendo reforçados. Durante a maior parte do século XX, esse componente curricular foi pautado em aspectos biológicos e técnicos, e seu conteúdo mais explorado, o esporte, foi, e ainda é, um instrumento de controle social e promotor de expectativas de gênero (Louro, 2014). Espera-se dos meninos um desempenho maior em práticas corporais esportivas que exigem força, agilidade e contato físico; e das meninas espera-se delicadeza e feminilidade.

Diante do exposto, indaga-se: como os/as estudantes percebem a participação feminina em aulas de Educação Física? Mesmo diante das conquistas femininas, como têm acontecido as relações de gêneros na escola? Com a finalidade de responder aos questionamentos, optamos por investigar e compreender de que forma as relações de gênero têm se estabelecido durante as aulas de Educação Física na escola. Para isso, o presente artigo tem por objetivo analisar a percepção dos/das estudantes de uma escola pública da rede estadual do Ceará acerca da participação das mulheres nas aulas de Educação Física escolar, tendo como foco as relações estabelecidas entre homens e mulheres e suas representações nas práticas lúdicas e esportivas na escola.

Assim, com o intuito de abordar a questão em foco e alcançar os objetivos propostos, este estudo irá analisar, por meio de um referencial teórico, os seguintes aspectos:





a construção social dos conceitos de gênero; o histórico e a integração das mulheres na Educação Física escolar; e a conexão entre a participação feminina nas aulas de Educação Física e os temas relacionados ao gênero.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Abordagem Metodológica, Contexto da Pesquisa e Participantes

A metodologia adotada neste estudo foi baseada em uma abordagem qualitativa descritiva. O foco de investigação foi uma escola pública de educação integral da rede estadual do Ceará, localizada em Eusébio. O público-alvo compreende os/as estudantes matriculados nessa escola, especificamente as turmas de 1^a, 2^a e 3^a série do Ensino Médio, com idades entre 14 e 19 anos. O estudo foi conduzido em três etapas distintas: elaboração e aplicação do questionário, análise dos dados e formulação de propostas de intervenção.

Técnica, Instrumento de Coleta de Dados e Questões Éticas

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário *on-line* elaborado no *Google Forms*, adaptado a partir da proposta apresentada na dissertação de Timóteo (2019). As questões foram ajustadas para atender ao nosso objetivo de explorar como as questões de gênero no contexto escolar poderiam gerar desigualdades entre meninos e meninas ou interferir em seus direitos de aprendizagem. O formulário foi aplicado em sala de aula, com a devida autorização da direção da escola, e os registros foram complementados com anotações em um diário de campo. Embora o questionário contivesse seis perguntas, apenas cinco foram utilizadas para análise.

A aplicação do questionário ocorreu durante a disciplina de Formação Cidadã. A disciplina de Formação Cidadã visa estimular os/as estudantes a se tornarem cidadãos responsáveis, críticos, ativos e participativos, trabalhando suas experiências tanto no plano pessoal quanto coletivo. Esse componente curricular é implementado por meio do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT), inspirado em uma prática das escolas portuguesas e adotado no Ceará em 2008. Utilizamos o *WhatsApp* para enviar o *link* do formulário aos/as alunos/as. Para garantir o acesso, a internet de um *smartphone* foi compartilhada entre os/as alunos/as, que utilizaram seus próprios dispositivos para responder ao questionário.





Todos/as foram convidados/as a participar da pesquisa, com garantia de anonimato e liberdade para se retirarem do processo, em conformidade com as diretrizes éticas determinadas pela Resolução 466/12 do Ministério da Saúde. Um total de 155 dos 508 estudantes do Ensino Médio matriculados na escola colaboraram com a pesquisa.

Análise de Dados

A análise dos dados foi realizada utilizando a análise temática como método principal, conforme descrito por Minayo (2002). Os resultados foram apresentados de forma qualitativa, explorando as percepções dos/das alunos/as sobre a participação feminina em práticas esportivas nas aulas de Educação Física. Esses dados subsidiaram o planejamento de intervenções para promover a integração entre meninos e meninas nas atividades esportivas escolares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos questionários de múltipla escolha foi conduzida com um critério rigoroso na seleção das perguntas, levando em consideração sua pertinência e relevância para os objetivos específicos da pesquisa. Optamos por escolher questões que estivessem alinhadas aos temas centrais que pretendíamos investigar, buscando concentrar nossa análise nas informações mais pertinentes e significativas para a compreensão dos resultados obtidos. Dessa forma, buscamos garantir que o questionário abordasse de maneira abrangente e aprofundada os aspectos-chave relacionados ao nosso objeto de estudo, possibilitando uma análise detalhada da percepção dos participantes sobre a participação feminina nas práticas esportivas escolares. Quanto à participação dos/as estudantes, esta foi representativa, totalizando 155 participantes, dos quais 83 (53,5%) eram do gênero feminino e 72 (46,5%) do gênero masculino, conforme apresentado na Figura 1. Esse equilíbrio na distribuição por gênero permitiu uma abordagem mais abrangente e equitativa das percepções dos/as alunos/as sobre a participação feminina nas práticas esportivas na escola.

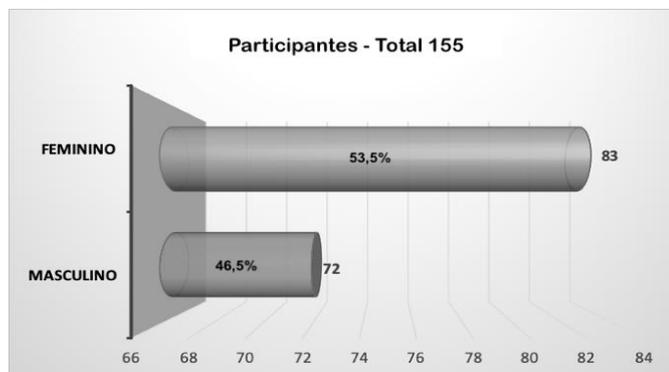
É interessante observar que o número de participantes do gênero feminino foi ligeiramente superior ao de participantes do gênero masculino. Esse dado pode fornecer uma visão mais aprofundada sobre o pensamento feminino em relação à participação nas práticas esportivas realizadas nessa escola. Essa predominância de meninas na amostra sugere uma





oportunidade única de entender suas percepções e experiências em um contexto específico de Educação Física escolar.

Figura 1 – Participantes

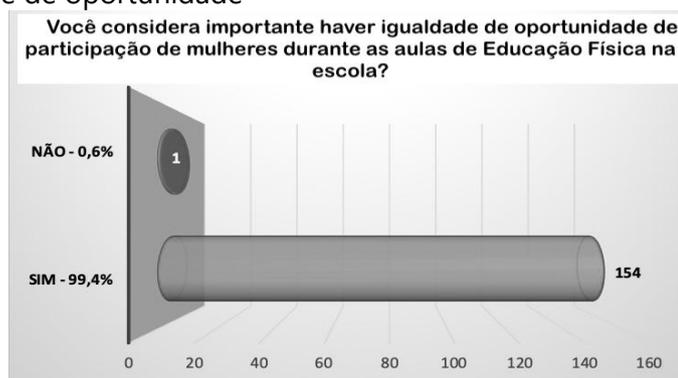


Fonte: construção das autoras (2024).

Igualdade de oportunidade de participação e ocupação dos espaços nas aulas

Na primeira questão do questionário aplicado, foi perguntado se eles/as consideravam importante a igualdade de oportunidade de participação de mulheres durante as aulas de Educação Física na escola. Responderam SIM 154 (99,4%) estudantes e NÃO apenas 01 (0,6%) (Figura 2). Observamos uma tendência, quase que unânime, por parte de todos e todas que colaboraram nesta etapa, à abertura para a participação feminina. Há uma esperança para que seja minimizada a supremacia masculina frequente nas práticas esportivas na escola.

Garantir oportunidades de aprendizagem em equidade para meninos e meninas nas aulas de Educação Física ainda é um grande desafio. Meninos ocupam espaços mais amplos e centrais durante as aulas, utilizam o esporte como um meio de exercer poder e virilidade; meninas têm uma atenção maior com aspectos da aparência física do que com habilidades corporais (Altmann, 2015). No entanto, tais realidades são naturais e imutáveis? Não há possibilidade de transgressão a essa regra social? Como discutir esses aspectos a fim de rompê-los?

**Figura 2** – Igualdade de oportunidade

Fonte: construção das autoras (2024).

Esse panorama é confirmado quando se apresentam os dados da segunda questão (Figura 3), que tratava da ocupação de espaços nas aulas de Educação Física para a prática de esportes. Os/as discentes deveriam indicar qual ou quais afirmativas eram mais frequentes em suas percepções. Dentre as respostas, 50,3% (78) declararam que meninos dominam os espaços (principalmente o da quadra), bem como realizam uma seleção natural de quem entra e sai de acordo com as habilidades para as atividades, e não com o gênero (meninas e meninos).

Figura 3 – Ocupação de espaços

Fonte: construção das autoras (2024).

Essa afirmativa entra em contradição com os dados apresentados da pergunta anterior quando se refere à igualdade de oportunidade de participação, porém Altmann (2015) assinala que gênero, idade, força e habilidade formam juntos um “emaranhado de exclusões”, tornando-se critérios determinantes na participação nas aulas de Educação Física. Percebemos que no discurso defendem que é necessário haver equidade, independente do gênero; no entanto, na prática não é o que se constata.



Ainda há a dominância masculina na ocupação do espaço, fazendo uma "*seleção natural*". Em outras palavras, as meninas menos habilidosas não participam das práticas, sendo excluídas da aula ou das atividades lúdicas. Não seria um contrassenso? O pensamento progressista está longe de se consolidar na prática. Que momentos as meninas terão para praticarem as atividades que venham favorecer a melhora das suas habilidades? Não é a escola um espaço democrático de direitos? Sem mencionar que meninos não habilidosos também ficam de fora, no entanto, este estudo fica para outro momento, pois o foco desta pesquisa está na participação feminina.

Em segundo lugar, 35,4% (55) dos/das participantes indicam que meninas têm buscado os mesmos direitos de ocupação dos espaços durante práticas esportivas que os meninos, independentemente de suas habilidades. Esse dado evidencia uma luta discreta por parte das meninas para ocupar esses espaços. No entanto, mesmo que um pouco mais de um terço dos participantes tenha percebido essa tentativa, ela ainda não se traduz em uma efetiva ocupação prática.

Pesquisas de Silva e Devide (2009) mostram que a resistência à ocupação igualitária de espaços esportivos por meninas está profundamente enraizada em estereótipos de gênero. A masculinidade hegemônica tende a marginalizar meninas habilidosas, tratando-as com desprezo para reafirmar a superioridade masculina.

Em terceiro e quarto lugares, respectivamente, 14,8% (23) dos/das colaboradores/as afirmam que meninos e meninas ocupam espaços de forma proporcional e convivem harmoniosamente durante práticas esportivas, enquanto 13,5% (21) indicam que meninas demonstram interesse em ocupar os espaços da quadra, mas preferem atividades não esportivas. Esses números revelam um quantitativo baixo e indicam que a dominância masculina ainda prevalece na ocupação e uso dos espaços.

Segundo Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica opera por meio da exclusão e da marginalização de identidades não conformes, o que é corroborado pelos dados que mostram uma ocupação desigual dos espaços esportivos. Isso sugere a necessidade de intervenções que promovam a igualdade de gênero, incentivando a participação ativa das meninas em todas as atividades esportivas.

Por fim, apenas 4,5% (7) dos/das participantes apontam que meninas habilidosas em práticas esportivas representam uma ameaça à masculinidade dos meninos que ocupam espaços centrais, associando essas meninas a estereótipos masculinos. Este resultado destaca





como a presença de meninas competentes em esportes ainda desafia a percepção tradicional de masculinidade e a necessidade de desconstrução desses estereótipos.

A crise da masculinidade contemporânea, exacerbada pela maior participação feminina em atividades esportivas, reflete a dificuldade de sustentar um modelo único e hegemônico de masculinidade. A mídia, ao proporcionar visibilidade às mulheres no esporte, desempenha um importante papel na desconstrução desses estereótipos e na promoção de um ambiente mais inclusivo (Brito, 2021).

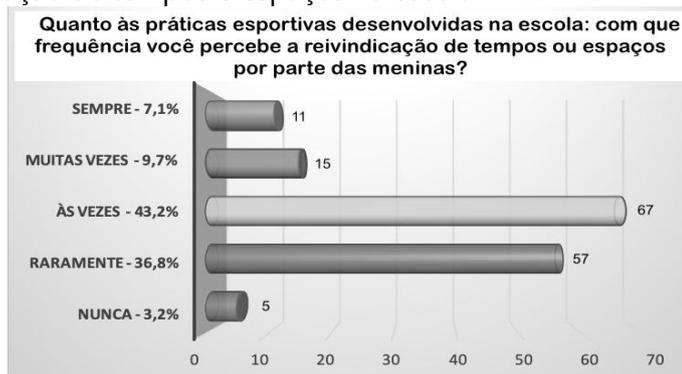
Sabemos que o esporte é um conteúdo presente em diversos currículos da Educação Física escolar. Houve, e por vezes ainda há, a ideia de que esse é o seu único conteúdo possível, equivocadamente. Além do mais, a predominância do esporte nas aulas desse componente, em muitas ocasiões, é relacionada a uma prática voltada para o rendimento, e tal fato contribui com exclusões.

No sentido de garantir o acesso ao conhecimento sobre o esporte nas aulas de Educação Física, Altmann (2015, p. 60) aponta que “é fundamental que a escola construa formas de torná-lo acessível a todos e todas, ainda que de formas distintas, inclusive no que se refere a uma aprendizagem corporal do jogo, de gestos, técnicas e táticas esportivas”. No que tange à participação feminina em atividades dessa natureza, faz-se necessário um trabalho que garanta o seu acesso independentemente de suas habilidades ou predisposições motoras.

Reivindicação de tempos e espaços na escola e obstáculos à participação feminina

O atual contexto, marcado por uma maior visibilidade e espaço na mídia para o empoderamento feminino, contrasta com a realidade observada no ambiente escolar em questão. Embora haja avanços sociais em outras esferas, a reivindicação por igualdade de gênero ainda não se faz presente nessa instituição de ensino. A terceira questão do questionário, que investigou a frequência com que as meninas demandam espaços na escola, revelou que há um longo caminho a percorrer para que elas possam se apropriar de seus territórios de forma justa e equitativa (Figura 4).



**Figura 4** – Reivindicação de tempos e espaços na escola

Fonte: construção das autoras (2024).

Os resultados indicam que apenas 43,2% dos participantes mencionaram que essa reivindicação ocorre às vezes, enquanto 36,8% afirmaram que isso raramente acontece. Uma parcela menor, de 9,7%, mencionou que essa demanda ocorre muitas vezes, seguida por 7,1% que disseram que é algo que sempre acontece. Apenas 3,2% relataram que essa reivindicação nunca ocorre. Esses dados evidenciam que a busca por espaços e tempos justos por parte das meninas na escola ainda não é uma realidade plenamente consolidada, demonstrando a necessidade de um trabalho contínuo em prol da equidade de gênero no ambiente educacional.

Estudos recentes apontam para a persistência de desigualdades de gênero no ambiente escolar, refletindo práticas sociais mais amplas. Diante disso, segundo Moraes, Dias e Oliveira (2023), a escola, muitas vezes, reproduz estereótipos de gênero que limitam as oportunidades das meninas em diversas áreas, incluindo as práticas esportivas. Nesse sentido, a falta de reivindicação por parte das meninas pode ser vista como um reflexo da internalização desses estereótipos e da ausência de incentivos e apoio para que elas se sintam empoderadas a ocupar esses espaços.

De acordo com Jesus, Gomes e Neves (2021), o estímulo à participação das meninas em atividades esportivas na escola é fundamental não apenas para o desenvolvimento físico, mas também para a construção de uma autoimagem positiva e para a promoção da igualdade de gênero. No entanto, para que essa participação seja efetiva, é necessário que as escolas adotem políticas claras de incentivo e criem um ambiente acolhedor e inclusivo para todas as alunas.

Além disso, um estudo de Oliveira e Jaeger (2022) destaca a importância da formação dos/as professores/as para que possam identificar e combater práticas





discriminatórias no ambiente escolar. A capacitação contínua dos/as educadores/as é essencial para que eles/as possam atuar como agentes de mudança, promovendo a equidade de gênero em todas as atividades escolares, incluindo as esportivas.

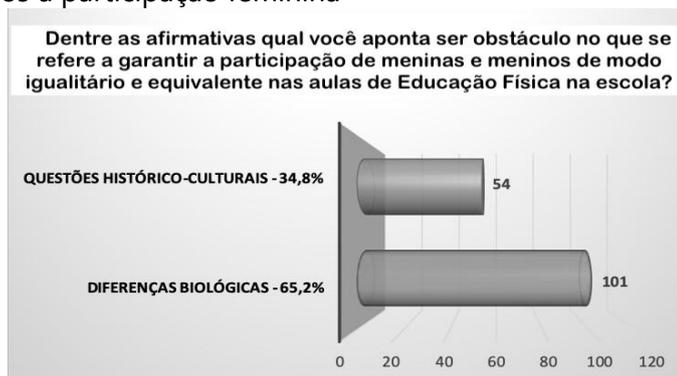
Portanto, os dados apresentados na Figura 4 indicam que, apesar de alguns avanços, ainda há muito a ser feito para que as meninas possam reivindicar e ocupar seus espaços de maneira equitativa no ambiente escolar. Esse cenário demanda um esforço conjunto de políticas educacionais, formação de professores e conscientização da comunidade escolar para que a equidade de gênero se torne uma realidade.

Compreender os aspectos que, na concepção dos/as discentes, interferem na participação feminina de modo igualitário foi a que se propôs a próxima questão. De acordo com o pensamento dos participantes, o determinismo biológico prevaleceu como concepção. Os dados exibidos (Figura 5) demonstram que 65,2% consideram que as diferenças biológicas em ambos os gêneros são as maiores responsáveis por separar naturalmente meninos e meninas em grupos distintos nas aulas de Educação Física. Esses aspectos precisam ser mais bem discutidos e problematizados na escola pois vão de encontro à proposta de que o gênero é uma construção social, cultural e linguística (Meyer, 2013).

No Brasil, ao longo de boa parte do século XX, o esporte teve a prática feminina proibida por lei. Para mulheres, eram reservados exercícios que favorecessem o fortalecimento corporal para uma maternidade sadia. Embora essa legislação não mais exista, muitas práticas esportivas ainda são associadas a um referencial masculino, e quando algumas garotas rompem essa fronteira têm sua feminilidade contestada (Almeida, 2013). O discurso do determinismo biológico tenta sustentar esse tipo de preconceito, mas entendemos que há uma conjuntura histórica e cultural que dão aporte para que essas discussões sejam retomadas sob uma ótica que extrapola a noção do que é esporte de menino e esporte de menina.



Figura 5 – Obstáculos à participação feminina



Fonte: construção das autoras (2024).

Os dados apresentados na Figura 5 corroboram a análise de que o determinismo biológico ainda é um obstáculo significativo à igualdade de gênero nas aulas de Educação Física. Segundo Altmann *et al.* (2018), a percepção de que meninos e meninas possuem capacidades físicas inerentemente diferentes é uma construção social que perpetua a segregação de gênero nas atividades esportivas escolares.

Estudos como os de Oliveira, Jaeger e Roth (2019) enfatizam que a escola desempenha um papel fundamental na desconstrução desses estereótipos, promovendo uma Educação Física que valorize a diversidade e a inclusão. Esses autores argumentam que é necessário um esforço contínuo para educar tanto alunos/as quanto professores/as sobre a importância de uma abordagem inclusiva que reconheça e valorize as capacidades de todos/as, independentemente do gênero.

Além disso, Cunha, Lira e Silva (2024) destacam que a formação continuada de professores/as é essencial para combater práticas discriminatórias e promover a igualdade de gênero. A capacitação dos/as educadores/as deve incluir discussões sobre a construção social do gênero e estratégias pedagógicas para fomentar a participação equitativa de meninas e meninos nas aulas de Educação Física.

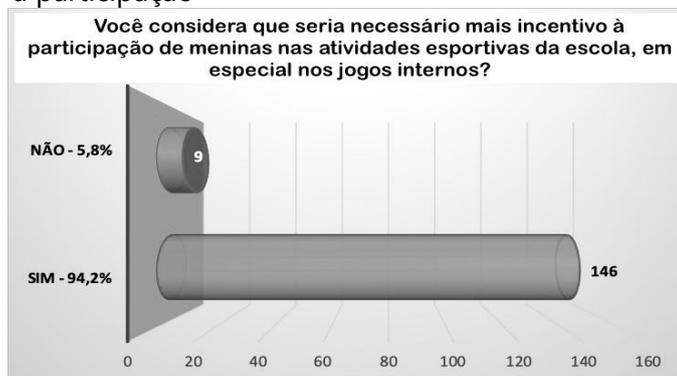
A partir dos dados apresentados e das discussões com a literatura, fica evidente a necessidade de incentivar a participação feminina de maneira igualitária nas aulas de Educação Física. É importante desenvolver estratégias que promovam um ambiente inclusivo e acolhedor para todas as alunas, valorizando suas capacidades e combatendo estereótipos de gênero.



Incentivo à participação

A fim de verificar o entendimento sobre a primordialidade de incentivo à participação das meninas nas práticas esportivas da escola, em especial nos jogos internos, apresentamos a última questão. Consideramos que, diante das desigualdades de participação feminina ora estabelecidas nas atividades esportivas na escola, é necessária e imprescindível uma intervenção. Tal fato é comprovado na Figura 6, que evidencia que 94,2% dos/das colaboradores/as da pesquisa concordam com o encorajamento feminino nas competições no interior dessa instituição.

Figura 6 – Incentivo à participação



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

As diferenças entre o modo de se educar corpos femininos e masculinos – quando assumem o caráter de desigualdade – acabam colocando meninas e meninos no que chamamos aqui de “caixinhas” da aparência e do desempenho, respectivamente. Estar dentro ou fora desses recipientes traz uma série de implicações para o desenvolvimento das aulas de Educação Física na escola (Timóteo, 2019).

O campo de possibilidades oferecido a meninos é maior do que para meninas; a mídia esportiva, por exemplo, é responsável por difundir e fixar tendências por intermédio de imagens, tais quais “não apenas retratam um corpo, mas também o constituem” (Altmann, 2015, p. 31). A divulgação de ilustrações ou fotografias de meninas dançando balé ou meninos jogando futebol, quando estritas, trazem a relação entre gênero e práticas corporais. O que aconteceria então com o garoto que sente vontade de aprender balé ou com a garota que sonha em ser jogadora de futebol?

Em muitas ocasiões, no esporte principalmente, notamos que uma “coreografia de gênero” é construída sobre a participação, momento em que cada personagem tem seu lugar.





Há aquelas que ditam a cadência dos passos e ocupam espaços de destaque, centralizados; há quem preencha os quesitos, mas assista a tudo de fora, visto que a música não lhe é adequada; há também as personagens tímidas que estão ali pois precisam estar, então ocupam um lugar ao fundo, sem muitos movimentos para não atrapalhar a dança e nem ser repreendida por quem dança bem (Timóteo, 2019).

Propostas de intervenção

Considerando a necessidade de implementar estratégias que estimulassem a participação feminina nas práticas esportivas da Educação Física, foram realizadas ações específicas na escola. Como forma de comemoração do Dia do Estudante, a escola sempre propõe atividades esportivas, e neste ano de 2019, pensando em experimentar uma forma de maior inclusão, foi sugerida pelas pesquisadoras a organização de um torneio de voleibol misto.

No princípio, houve resistência por parte dos meninos em relação a essa mudança, o que representou um desafio inicial para romper com a hegemonia masculina nas atividades esportivas da escola. No entanto, por meio de diálogo e perseverança, essa ação foi concretizada com sucesso, proporcionando um ambiente de cooperação e igualdade, em que meninas e meninos puderam participar juntos e de maneira inclusiva.

Posteriormente, foram realizadas três oficinas com os/as estudantes, reunidos por série no auditório da escola, visando refletir sobre a temática de gênero e sensibilizar para as relações de gênero na escola. Durante essas oficinas, os resultados da pesquisa foram apresentados e foi divulgado o "*Projeto Meninas Também Jogam*", com o convite para a participação feminina e apoio dos/as estudantes. Esse projeto, que esteve em funcionamento de setembro de 2019 a março de 2020, consistiu em monitorias realizadas todas as quartas-feiras na quadra da escola, com a colaboração de um grupo de estudantes e supervisão da professora de Educação Física, em que eram ensinadas modalidades esportivas escolhidas pelas meninas, como o futsal.

Outra medida estratégica adotada visou à promoção da participação feminina nos Jogos da Amizade, os quais constituem eventos esportivos internos da escola. Além da implementação do voleibol misto, também foi incorporado o futsal feminino, com o intuito de proporcionar uma maior inclusão das meninas nessas atividades. Essa iniciativa ressalta os desafios enfrentados pelas meninas em relação à sua participação no futebol, evidenciando as





dificuldades decorrentes da falta de estrutura e de oportunidades em comparação aos meninos, como apontado por Altmann (2015). A autora discute as disparidades entre a profissionalização de homens e mulheres no futebol, destacando que, enquanto os homens têm acesso a um mercado competitivo em termos políticos e econômicos, as mulheres se deparam com uma escassez de recursos e apoio estrutural, incluindo a falta de times, escolas de futebol, campeonatos, calendários esportivos, apoio financeiro e patrocínio, entre outros aspectos (Altmann, 2015). De que modo meninas podem se sentir motivadas a adentrar nesse cenário, tendo em vista que para elas há um campo de dificuldades muito maior a ser percorrido? Essa ação visou romper com a tradicional exclusão das meninas dos jogos de futsal, permitindo sua participação ativa nas atividades esportivas da escola.

A inclusão da modalidade esportiva feminina nos jogos escolares teve repercussões profundas entre as estudantes da instituição. Além de propiciar a oportunidade de participação ativa nas atividades esportivas, essa medida representou um marco de representatividade para muitas delas. Mesmo aquelas que não estiveram diretamente envolvidas nos jogos relataram sentir-se felizes e representadas pela iniciativa do projeto na escola. Esse fenômeno revela não apenas um valor simbólico, mas também um impacto emocional significativo para toda a comunidade escolar.

Ademais, é importante ressaltar que essa ação promoveu um aumento tangível na participação feminina nas atividades esportivas da instituição, o que aponta indícios de uma mudança positiva na cultura e nas práticas esportivas da escola. Esse maior engajamento das meninas não apenas contribui para a igualdade de gênero, mas também desempenha um relevante papel no desenvolvimento físico, emocional e social das estudantes. Ao se envolverem ativamente nas práticas esportivas, as estudantes fortalecem sua autoconfiança, ampliam suas habilidades sociais e senso de pertencimento à comunidade escolar, ao mesmo tempo em que desafiam estereótipos de gênero e promovem uma cultura mais inclusiva e equitativa dentro da instituição de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da percepção dos/as estudantes sobre a participação feminina nas práticas esportivas nas aulas de Educação Física escolar, é possível concluir que ainda há desafios significativos a serem superados para garantir a equidade de gênero nesse contexto educacional. Os resultados revelaram que, embora haja um reconhecimento da importância da





inclusão feminina por parte da maioria dos/as participantes, ainda persistem práticas e percepções que reforçam estereótipos de gênero e dificultam a igualdade de oportunidades.

A hegemonia masculina na ocupação de espaços durante as aulas de Educação Física, evidenciada pelos dados encontrados, reflete uma reprodução de padrões de exclusão e discriminação de gênero na escola. A resistência à participação feminina, especialmente em atividades esportivas associadas aos homens, é um reflexo das normas de gênero internalizadas pela sociedade e pelos próprios estudantes.

As intervenções realizadas, como o torneio de voleibol misto e o "*Projeto Meninas Também Jogam*", demonstraram que é possível promover mudanças positivas na cultura escolar e estimular uma maior participação das meninas nas atividades esportivas. A inclusão da modalidade feminina nos jogos internos e o envolvimento ativo dos/as estudantes na promoção da equidade de gênero são passos importantes na direção a uma Educação Física mais inclusiva e igualitária.

É fundamental que a escola continue investindo em estratégias que incentivem a participação feminina nas práticas esportivas, bem como na desconstrução de estereótipos de gênero e na promoção de uma cultura escolar mais igualitária. O empoderamento das mulheres no ambiente escolar é essencial não apenas para garantir a igualdade de oportunidades, mas também para promover o desenvolvimento integral e a autoconfiança dos/as estudantes. A luta pela equidade de gênero na Educação Física escolar deve ser um compromisso contínuo de toda a comunidade escolar, visando construir um ambiente educacional mais justo e inclusivo para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. Mulheres no esporte: Feminilidade em jogo. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENWTZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). Educação física e gênero: desafios educacionais. Ijuí, RS: Unijuí, 2013.

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, Helena *et al.* Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista estudos feministas**, v. 26, n. 1, p. 1-16, 2018.

BRITO, Leandro Teófilo de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade *queer/cuir/kuir*: disputas no esporte. **Revista estudos feministas**, v. 29, n. 2, p. 1-14, 2021.





CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista estudo feministas**, v. 1, n. 21, p. 241-282, 2013.

CUNHA, Damires Oliveira; LIRA, Geovana Pereira; SILVA, Kacio Dos Santos. Desigualdade de gênero na educação física e na prática esportiva: um contexto histórico e contemporâneo. **RevistaFT**, v. 28, n. 135, 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

JESUS, Adelize Pereira de; GOMES, Edilane de Jesus; NEVES, Janes Aparecida Xavier da Silva. Espaços e tempos na escola e as questões de gênero nas séries iniciais do ensino fundamental de Guanambi: novas possibilidades, outras práticas educativas. CONGRESSO INTERNACIONAL, 3. CONGRESSO NACIONAL DE MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, 5. **Anais...** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MEYER, Dagmar Elisabeth. Gênero e educação: teoria política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MEYER, Dagmar Elisabeth. Gênero e educação: uma perspectiva sócio-histórico-cultural. **Educação & realidade**, v. 38, n. 4, p. 1327-1345, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* (Orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Bruna Caroline Soares Lopes; DIAS, Juliana Rocha Adelino; OLIVEIRA, Rogério Cruz de. As narrativas de gênero na educação física escolar: *scoping review* da literatura científica brasileira nas ciências da saúde. **Educação em revista**, v. 39, p. 1-20, 2023.

OLIVEIRA, Myllena Camargo de; JAEGER, Angelita Alice. Equidade de gênero na formação docente em educação física. **Contexto & educação**, v. 37, n. 118, p. 1-19, 2022.

OLIVEIRA, Myllena Camargo de; JAEGER, Angelita Alice; ROTH, Vanessa Juliane da Silva. Estereótipos de gênero e educação física: diálogos com estudantes de ensino médio. **Arquivos em movimento**, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1994.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; DEVIDE, Fabiano Pries. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 30, n. 2, p. 181-197, 2009.





TIMÓTEO, Ítala Almeida. **As questões de gênero na educação física escolar e a prática pedagógica de professores e professoras do município de Maracanaú - CE**. 2019. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2019.

Dados da primeira autora:

E-mail: dirlenealmeida@gmail.com

Endereço: Rua Maria Teixeira Joca, Centro, Eusébio, CE, CEP: 61760-000, Brasil.

Recebido em: 01/07/2024

Aprovado em: 02/08/2024

Como citar este artigo:

ALMEIDA, Dirlene Almeida; SILVA, Maria Eleni Henrique da; TIMÓTEO, Ítala Almeida. Percepções estudantis acerca da participação feminina em práticas esportivas nas aulas de Educação Física. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17274, p. 1-19, 2024.

